O OUTONO DA CAVALARIA MEDIEVAL EM JOHAN HUIZINGA

THE AUTUMN OF MEDIEVAL CHIVALRY IN JOHAN HUIZINGA

Ives Leocelso Silva Costa[1]

Resumo: O célebre historiador holandês Johan Huizinga (1872-1945) ofereceu uma rica e imaginativa visão sobre a Cavalaria na Baixa Idade Média que foi profundamente influente por todo o século XX. Tal visão consiste no objeto de análise do presente artigo. Para compreendê-la, serão utilizadas duas edições de sua obra mais famosa, *O Outono da Idade Média*, a inglesa, de 1924, e a francesa, de 1938, bem como o ensaio *The Political and Military Significance of Chivalric Ideas in the Late Middle Ages*, concebido em 1921 e publicado em 1959. A partir dessas fontes, serão abordadas as versões das ideias de Huizinga que tiveram maior circulação até a década de 1970, e como elas revelam muito mais sobre a época do autor que sobre a Cavalaria medieval.

Palavras-chave: Johan Huizinga. Cavalaria. Historiografia.

Abstract: The celebrated Dutch historian Johan Huizinga (1872-1945) offered a rich and imaginative vision of the chivalry of the Late Middle Ages that was profoundly influential throughout the 20th century. This vision is the object of analysis of this article. To understand it, two editions of his most famous work, *The Autumn of the Middle Ages*, will be used, the English of 1924, and the French of 1938, as well as the essay *The Political and Military Significance of Chivalric Ideas in the Late Middle Ages*, conceived in 1921 and published in 1959. Through these sources, the versions of Huizinga's ideas that had the widest circulation until the 1970s will be addressed, as well as the way in which they reveal much more about the author's time than about medieval chivalry.

Keywords: Johan Huizinga. Chivalry. Historiography.

[1] Doutorando em História (PPGH-UFPE). Mestre em História (PROHIS-UFS). Pesquisador do *Dominium*: Estudos sobre Sociedades Senhoriais (CNPq-UFS). Integrante do *Insulae*: Grupo de Estudos sobre Britânia, Irlanda e Ilhas do Arquipélago Norte na Antiguidade e Medievo. Lattes: https://lattes.cnpq.br/7517648606198000. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-0759-7423. E-mail: ives.costa@ufpe.br.

A história da Cavalaria medieval compõe um fascinante capítulo da historiografia europeia da primeira metade do século XX. A Cavalaria foi uma instituição complexa e de extrema importância para o mundo medieval entre os séculos XI e XV e havia sido revisitada pelos movimentos românticos do século XIX, que construíram um medievo idealizado que oferecia escape a uma realidade transformada pelo progresso da industrialização e pelas mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais vivenciadas no período pós-iluminista.

Essa influência chegou à historiografia, e autores do século XIX, como o inglês Charles Mills (1825) e o francês Léon Gautier (1895), buscaram exaltar as virtudes Cavaleirescas e enxergar sua suposta benévola influência na sociedade dita civilizada de então. No início do século XX, contudo, o Romantismo recuou frente a brutalidade da Primeira Guerra Mundial e nesse contexto alguns autores passaram a compreender a Cavalaria medieval de maneira muito mais crítica que seus predecessores. No que concerne à Baixa Idade Média, desenvolveu-se uma tese de declínio da Cavalaria, que teria bastante sucesso durante o século XX e permanece exercendo influência até os dias atuais. Um dos pioneiros dessa corrente foi o famoso historiador holandês Johan Huizinga (1872-1945).

Huizinga foi professor de História da Holanda na Universidade de Groningen, sua cidade natal, entre 1905 e 1914, quando foi nomeado para a cadeira de História Geral na Universidade de Leiden, onde atou de 1914 a 1942, ano em que se demitiu da instituição por ocasião da ocupação nazista da Holanda durante a Segunda Guerra Mundial (1940-1945) (PETERS; SIMONS, 1999, p. 597). Em 1919, Huizinga publicou uma das obras mais célebres sobre a Idade Média, *Herfsttij der Middeleeuwen*. Tal foi seu sucesso, que até 1940 o livro havia recebido cinco edições na Holanda (HUIZINGA, 2010, p. 9) e sido traduzido para o alemão, o sueco, o inglês, o espanhol, o francês e o italiano (PETERS; SIMONS, 1999, p. 589-590). Em sua primeira tradução para a língua inglesa, de 1924, recebeu o título *The Waning of the Middle Ages*, que influenciou subsequentes traduções para o francês – *Le Déclin du Moyen-Age*, de 1938 – e para o português – *O Declínio da Idade Média*, de 1978.[2]

Ainda que a referida edição em inglês tenha sido supervisionada pelo próprio Huizinga, que afirmou em seu prefácio não ser uma simples tradução, mas fruto de um trabalho de adaptação, redução e consolidação (HUIZINGA, 1924, p. v-vi), o título recebeu duras críticas de medievalistas com o passar do tempo (ASTON, 1979, p. 2). *Herfsttij*, em holandês, significa literalmente “maré de outono” (PETERS; SIMONS, 1999, p. 605), e a metáfora do outono como uma época de transição e contrastes perdeu-se com a tradução do termo como “declínio”.

Em decorrência disso, a partir da edição francesa de 1975 o título foi alterado para *L’Automne du Moyen-Age* (seguindo o que a versão italiana, por exemplo, já fazia desde 1940). O mesmo ocorreu com a tradução norte-americana de 1996, rebatizada *The Autumn of the Middle*

[2] Esta edição foi uma tradução direta daquela de língua inglesa de 1924.

Ages, e com a nova edição brasileira lançada em 2010, denominada *O Outono da Idade Média*.[3] No prefácio ao volume francês de 1975, Jacques Le Goff afirmou:

> O outono é a estação em que todas as fecundidades e todas as contradições da natureza parecem se exacerbar. É o que, na arte, Eugenio d'Ors chama de fase barroca, aquela onde se manifesta evidente, sem máscara, a exaltação das tendências profundas de uma época. [...] Em tal momento histórico, os contrastes aparecem com um brilho extraordinário e é nesse momento que se pode melhor compreender o que é uma civilização; é quando surgem à plena luz as tensões nela existentes (LE GOFF, 2010, p. 589).

A fala de Le Goff captou brilhantemente o espírito da obra de Huizinga, que propunha em sua análise compreender os séculos XIV e XV como um período melancólico de maturidade e de encerramento da Idade Média. Huizinga, ao examinar a França e a Borgonha dos séculos finais do medievo, rompeu com a interpretação de Burckhardt (2009), um dos grandes propositores do Renascimento, que percebia na Itália do século XIV um período de efervescência, inventividade e das primeiras manifestações do individualismo e do livre-pensamento modernos. No prefácio à primeira edição de *O Outono da Idade Média*, o historiador holandês afirmou:

> Com quanto zelo procurou-se na civilização da Idade Média pelos embriões da cultura moderna; com tanto empenho, que às vezes era como se a história cultural da Idade Média não passasse de um advento da Renascença. Apesar disso, em todo lugar naquela época, uma vez considerada morta e enterrada, já se via o novo germinar, e tudo parecia apontar para uma futura perfeição. No entanto, na busca pela nova vida que surgia, era fácil esquecer que no passado, assim como na natureza, a morte e a vida andam sempre lado a lado. Antigas formas de civilização morrem enquanto, ao mesmo tempo e no mesmo solo, o novo encontra alimento para florescer. Isso prova que se deve considerar os séculos XIV e XV não como o anúncio da Renascença, mas como o final da Idade Média, o último sopro da civilização medieval, como uma árvore com frutos muito maduros, completamente desenvolvida. O fervilhar de formas de pensamento antigas e coercivas em lugar do germe vivo do período histórico seguinte, o fenecimento e o enrijecimento de uma civilização rica - esse é o conteúdo principal destas páginas. Ao escrever este livro, era como se meu olhar estivesse voltado para as profundezas de um céu noturno, mas de um céu tomado de vermelho-sangue, pesado e desértico, de um cinza-chumbo ameaçador, revestido de um falso brilho cúprico (HUIZINGA, 2010, p. 6).

Em sua linguagem poética, Huizinga evocou cenas da natureza para conjurar a imagem de uma Baixa Idade Média rica e madura, mas decadente, caminhando rumo ao perecimento antes da aproximação de uma nova era. Neste cenário, Huizinga apresentou uma Cavalaria outonal, um ideal dissociado das realidades contemporâneas da guerra, "[...] a máscara por trás da qual se esconde todo um mundo de egoísmo e violência" (HUIZINGA, 1938, p. 69, tradução nossa).[4]

Em nossa análise, uma vez que desejamos compreender a influência de Johan Huizinga na *historiografia crítica da Cavalaria* do século XX, como ele foi lido, interpretado e debatido, fez-se necessário utilizar as edições que circulavam nos espaços acadêmicos anglo-francófonos na época:

[3] Atestando a contínua longevidade da obra, duas outras edições foram publicadas no século XXI: uma holandesa, em inglês, sob o título de *Autumntide of the Middle Ages*, seguindo uma tradução literal do original; e uma nova versão brasileira de *O Outono da Idade Média*, de 2021.

[4] "[...] le masque derrière lequel se cache tout un monde d'égoïsme et de violence".

a de 1924 (em inglês) e a de 1938 (em francês), ainda que apresentem diversas limitações e divergências em relação a edições mais recentes.

Assim como Mills e Gautier, Huizinga utilizou extensivamente o trabalho do historiador iluminista francês Jean-Baptiste de la Curne de Sainte-Palaye (1697-1791), autor de *Mémoires sur l'Ancienne Chevalerie*, originalmente publicado em 1753, e as célebres crônicas de Jean Froissart (c. 1337-c. 1405), inevitáveis para o estudo do século XIV, em sua análise da Cavalaria, que se concentrou em quatro capítulos de *O Outono da Idade Média*: *The Idea of Chivalry* / *L'Idée de Chevalerie*, *The Dream of Heroism and of Love* / *Le Rêve d'Héroïsme et d'Amour*, *Orders of Chivalry and Vows* / *Ordres de Chevalerie et Voeux* e *The Political and Military Value of Chivalrous Ideas* / *Importance de l'Idée Chevaleresque dans l'Art Militaire et dans la Politique* (HUIZINGA, 1924, p. 56-94; HUIZINGA, 1938, p. 60-97). Além do escopo do livro, o ensaio *The Political and Military Significance of Chivalric Ideas in the Late Middle Ages*, oriundo de uma palestra lecionada à *Société d'Histoire Diplomatique* em 1921, foi de fundamental importância. Ele consiste em uma versão retrabalhada do último dos capítulos supracitados

Huizinga principiou seus comentários acerca da Cavalaria afirmando que a ilusão de uma sociedade baseada em seus princípios era contradita por todos os aspectos da realidade. Para ele, os cronistas francófonos do século XIV e XV, dos quais, além de Froissart, mencionou Enguerrand de Monstrelet (c. 1400-1453), Mathieu d'Escouchy (1420-1482), Georges Chastellain (c. 1405-1475), Olivier de La Marche (1425-1502), Jean Molinet (1435-1507), Philippe de Commines (1447-1511) e Thomas Basin (1412-1491), utilizavam a Cavalaria como um recurso interpretativo para escrever a história de uma época que lhes escapava à compreensão. O discurso Cavaleiresco desses autores seria uma forma de dar sentido à violência e ao caos que testemunhavam, uma vez que não dispunham do entendimento acerca das forças sociais e econômicas que moviam a história. A Cavalaria era a única ferramenta de conceptualização política de que dispunham (HUIZINGA, 1924, p. 56-57). Segundo Huizinga: "por meio dessa ficção tradicional eles tiveram sucesso em explicar a si mesmos, tão bem quanto puderam, os motivos e o curso da história, que era assim reduzida a um espetáculo da honra dos príncipes e da virtude dos Cavaleiros, a um jogo nobre com regras edificantes e heroicas" (HUIZINGA, 1924, p. 57, tradução nossa).[5]

Desta forma, o historiador holandês moveu a Cavalaria para o campo do imaginário e do abstrato, como uma construção cultural herdada de tempos passados e inaplicável às experiências da Baixa Idade Média. Em sua interpretação, a Cavalaria havia adquirido no século XIV uma existência meramente formal, uma estrutura desprovida de conteúdo, desvinculada das práticas quotidianas. Apesar disso, encontrou nela uma aspiração atemporal a uma espécie de ascetismo primitivo masculino[6] pautado nos valores marciais da coragem, do abandono do ego em meio ao

[5] "By this traditional fiction they succeeded in explaining to themselves, as well as they could, the motives and the course of history, which thus was reduced to a spectacle of the honour of princes and the virtue of knights, to a noble game with edifying and heroic rules".
[6] Segundo David Crouch (2005, p. 15), Huizinga teria sido inspirado nisso pelo psicólogo e filósofo da religião William James (1842-1910).

perigo, da alegria na fidelidade aos companheiros de armas e do sacrifício (HUIZINGA, 1924, p. 65; HUIZINGA, 1938, p. 68-69).

Para Huizinga, os romances Cavaleirescos ofereciam escape à dureza da vida. Essa constatação apareceu de formas diferentes, complementares, mas não contraditórias, nas edições de *O Outono da Idade Média* analisadas. Na de língua inglesa de 1924: "para esquecer a dolorosa imperfeição da realidade, os nobres se voltam para a ilusão contínua de uma vida heroica e elevada" (HUIZINGA, 1924, p. 69, tradução nossa).[7] Já na edição francesa de 1938: "a realidade é dura, violenta e cruel; nós a reduzimos ao sonho do ideal Cavaleiresco" (HUIZINGA, 1938, p. 72, tradução nossa).[8]

Huizinga ressaltou, deste modo, a natureza onírica da Cavalaria, sua faceta de fuga da realidade. Nessa perspectiva, a nobreza dos séculos XIV e XV se assemelhava aos adeptos do *chivalric revival* do século XIX: ambos sonhavam com uma Cavalaria mítica situada em um passado perdido. As virtudes Cavaleirescas que os românticos buscaram aplicar em seu tempo não tiveram, para Huizinga, vigência sequer na Baixa Idade Média. O autor inferiu que a Cavalaria surgiu da cristianização de práticas pagãs (HUIZINGA, 1924, p. 74; HUIZINGA, 1938, p. 77). Acerca das Ordens Monásticas de Cavalaria, afirmou:

> As três grandes ordens da Terra Santa e as três ordens espanholas, nascidas da interpenetração dos ideais monásticos e feudais, logo assumiram o caráter de grandes instituições políticas e econômicas. Enquanto os Templários e os Cavaleiros de São João atuaram na Terra Santa, a Cavalaria cumpriu **uma função política e social real**. No entanto, seus elementos religiosos e Cavaleirescos foram apagados diante de sua importância política e financeira. (HUIZINGA, 1938, p. 78, grifo nosso, tradução nossa).[9]

Percebe-se que Huizinga reconheceu a importância política e social que a Cavalaria exerceu ao menos até o fim do século XIII, quando a queda de Acre removeu os Templários e Hospitalários definitivamente da Palestina. Somente a partir de então os aspectos políticos e financeiros das Ordens teriam superado seu lado Cavaleiresco. Essa importante distinção não é encontrada na versão em inglês da obra, que simplificou o texto em excesso:

> As primeiras grandes ordens, as do Templo, de São João e dos Cavaleiros Teutônicos, nascidas da interpenetração de ideias monásticas e feudais, assumiram cedo o caráter de grandes instituições políticas e econômicas. Seu objetivo não era mais em primeiro lugar a prática da Cavalaria; aquele elemento, bem como suas aspirações espirituais, havia sido mais ou menos apagado por sua importância política e financeira (HUIZINGA, 1924, p. 74, tradução nossa).[10]

[7] "In order to forget the painful imperfection of reality, the nobles turn to the continual illusion of a high and heroic life".
[8] "La réalité est violente, dure et cruelle; on la réduit au rêve de l'idéal chevaleresque".
[9] "Les trois grands ordres de Terre sainte et les trois ordres espagnols, nés de la pénétration mutuelle de l'idéal monastique et de l'idéal féodal, avaient bientôt pris le caractère de grandes institutions politiques et économiques. Tant que les Templiers et les Chevaliers de Saint-Jean étaient actifs en Terre sainte, la chevalerie remplissait **une réelle fonction politique et sociale**. Cependant, leurs éléments religieux et chevaleresques s'étaient effacés devant leur importance politique et financière".
[10] "The first great orders, those of the Temple, of Saint John, and of the Teutonic Knights, born of the mutual penetration of monastic and feudal ideas, early assumed the character of great political and economic institutions. Their aim was no longer in the first place the practice of chivalry; that element, as well as their spiritual aspirations, had been more or less effaced by their political and financial importance".

Aos leitores anglófonos do século XX, portanto, restou a impressão de que as pretensões Cavaleirescas e espirituais das Ordens Monásticas de Cavalaria logo foram abandonadas, talvez desde o momento de sua consolidação. Argumenta-se, retomando a metáfora outonal de Huizinga, que uma Cavalaria legítima havia existido, em sua concepção, no medievo, mas que, na época da colheita dos frutos excessivamente maduros da civilização medieval na época de seu ocaso, ela havia deixado de cumprir uma função real, manifestando-se como um ideal estético que uma aristocracia decadente utilizava para abraçar o lúdico e encontrar conforto ante as agruras da vida.

Percebe-se um certo fascínio desiludido na retórica de *O Outono da Idade Média* e não se pode deixar de conjecturar a respeito de seu contexto de produção. Questiona-se até que ponto o livro teria sido influenciado pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918), pois sua concepção foi iniciada por volta de 1907, e, além disso, os Países Baixos foram neutros durante o confronto. A obra nasceu do desejo de Huizinga de escrever sobre a civilização holandesa, tendo sua admiração pelas pinturas dos irmãos Van Eyck como ponto de partida. Posteriormente, tornou-se um estudo sobre a cultura da Borgonha do fim da Idade Média, incluindo também a França, dada a conexão inseparável entre essas regiões. Huizinga foi instigado pelo eminente medievalista belga Henri Pirenne (1862-1935), com quem socializava academicamente e cuja nação compartilhava de um passado em comum com a sua (TOLLEBECK, 2010).

Seja como for, o desencanto com a Cavalaria perceptível no estudo de Huizinga encaixou-se perfeitamente na sensibilidade do público europeu, especialmente britânico, do período pós-Primeira Guerra Mundial. Acredita-se que o Romantismo Cavaleiresco do século XIX pode ter estimulado a juventude da Europa a alistar-se para combater na Grande Guerra (*vide* Figura 1) e que o choque e o trauma daquele conflito tenham feito dobrar o sino fúnebre da Cavalaria de uma vez por todas:

> Ao final de 1914 os combatentes estavam presos em uma linha contínua de trincheiras, estendendo-se do Mar do Norte à Suíça. Lá eles ficaram pelos próximos quatro anos, movendo uma milha ou duas aqui e ali de tempos em tempos. À medida que as chuvas e os projéteis continuaram a cair, a paisagem se desintegrou em uma terra devastada de lama, crateras, ruínas, cadáveres e arame farpado. Milhões de tropas viveram alagadas em buracos, covas e valas, sobre seus próprios mortos e a sujeira e miséria que eles haviam criado. Lá a maioria deles morreu; e lá a Cavalaria morreu com eles (GIROUARD, 1981, p. 289-290, tradução nossa).[11]

Anteriormente, os romances de Cavalaria já haviam sido denunciados por promover o militarismo e levar a consequências desastrosas. No final do século XIX, o escritor norte-americano Mark Twain (1835-1910) havia culpado veementemente o romancista Sir Walter Scott (1771-1832), autor de *Ivanhoe*, por estimular a aristocracia do Sul dos Estados Unidos a embarcar na Guerra Civil Americana (1861-1865) (TWAIN, 1883). A Primeira Guerra Mundial, a conflagração mais

[11] "By the end of 1914 the combatants were locked in a continuous line of trenches, running from the North Sea to Switzerland. There they stood for the next four years, moving a mile or two here and there from time to time. As the rain and the shells continued to fall the landscape disintegrated into a waste land of mud, craters, ruins, corpses and barbed wire. Millions of troops lived waterlogged in holes, burrows and ditches, on top of their own dead and filth and squalor which they had created. There most of them died; and there chivalry died with them".

tecnologicamente avançada até então na história da humanidade, travada diretamente em solo europeu, arruinou o ideal de que a guerra era um empreendimento nobre. De acordo com Mark Girouard:

> Enquanto código de conduta dominante, ela [a Cavalaria] jamais se recuperou da Grande Guerra, em parte porque a guerra em si foi uma grande destruidora de ilusões, em parte porque ela ajudou a produzir um mundo no qual as condições necessárias para a Cavalaria estavam cada vez mais ausentes [...]. A Cavalaria, junto ao patriotismo, a "jogar o jogo", e conceitos similares, tornou-se nem tanto desvalorizada, mas simplesmente irrelevante. Ela pertencia a outro mundo, que parecia infinitamente distante do mundo real de lama, sangue, tédio, medo, resistência, carnificina e mutilações no qual agora eles existiam (GIROUARD, 1981, p. 289-290, destaque nosso, tradução nossa).[12]

Figura 1 – Pôster de Recrutamento Britânico (1915)

Fonte: LIBRARY of Congress [**Britain needs you at once**]. 1915. 1 ilustração. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Britain_Needs_You_at_Once_-_WWI_recruitment_poster_-_Parliamentary_Recruiting_Committee_Poster_No._108.jpg. Acesso em: 5 jun. 2025.

[12] "As a dominant code of conduct it never recovered from the Great War partly because the war itself was such a shatterer of illusions, partly because it helped produce a world in which the necessary conditions for chivalry were increasingly absent [...]. Chivalry, along with patriotism, playing the game, and similar concepts, became not so much devalued as simply irrelevant. It belonged to another world, which seemed infinitely remote from the real world of mud, blood, boredom, fear, endurance, carnage and mutilations in which they now existed".

É notável como a fala de Girouard parece conter ecos da dissociação entre guerra e Cavalaria que Huizinga havia vislumbrado já nos séculos XIV e XV. Não sem motivo, a crítica de Huizinga à artificialidade da Cavalaria encontrou terreno fecundo após a Grande Guerra. Paradoxalmente, entretanto, se a popularidade de sua obra corroborou o esfacelamento da força cultural que a Cavalaria exercia sobre a sociedade europeia contemporânea, ele também auxiliou em sua reabilitação enquanto tema de pesquisa sério para historiadores profissionais; especialmente no Reino Unido, ela era ignorada desde a segunda metade do século XIX como um objeto reservado somente a românticos e amadores (CROUCH, 2005, p. 8, 12). Segundo Huizinga:

> De modo geral, os medievalistas de nossa época são dificilmente favoráveis à Cavalaria. Vasculhando os registros, nos quais a Cavalaria é, de fato, pouco mencionada, eles tiveram sucesso em apresentar uma imagem da Idade Média na qual os pontos de vista econômico e social são tão dominantes que às vezes se chega a esquecer que, junto à religião, a Cavalaria era a mais forte das ideias que ocupavam as mentes e os corações daqueles homens de outra era (HUIZINGA, 1959, p. 196-197, tradução nossa).[13]

Huizinga defendeu a importância da Cavalaria para a compreensão da política medieval; em um sentido negativo, é certo. Para ele foi a tolice Cavaleiresca do rei João II da França (1319-1364) que quase provocou a independência da Borgonha, quando concedeu o ducado a seu filho pela coragem demonstrada na Batalha de Poitiers, em 1356 (HUIZINGA, 1924, p. 82-83; HUIZINGA, 1938, p. 88). Militarmente, o espírito da Cavalaria retardava ou precipitava decisões e causava perda de oportunidades em nome da honra, expunha os comandantes a perigos desnecessários (HUIZINGA, 1924, p. 86) e sacrificava a estratégia em nome da estética (HUIZINGA, 1938, p. 91).

Nisso, Huizinga compartilhou do pensamento do historiador militar britânico Sir Charles Oman (1860-1946), para quem a Cavalaria era um conjunto de perversões absurdas da arte da guerra (OMAN, 1885, p. 102). Oman foi discípulo do grande historiador vitoriano William Stubbs (1825-1901), que tinha palavras pouco favoráveis para o século XIV inglês: “nós passamos da era do heroísmo para a era da Cavalaria, de um século enobrecido pela devoção e o auto sacrifício para um no qual o lustro do refinamento superficial falha em esconder a realidade de egoísmo impiedoso e degradação moral – uma era de luxúria e crueldade” (STUBBS, 1896, p. 319).[14] Percebe-se em Stubbs a alusão a uma era de coragem e retidão moral que se encerrou com o século XIII. Huizinga seguiu, embora de forma descompromissada, o mesmo princípio:

> O que quer que a Cavalaria tenha sido na época das Cruzadas, hoje geralmente se concorda que nos séculos XIV ou XV ela não era nada mais que uma revivência deveras artificial de coisas há muito mortas, uma espécie de renascimento deliberado e insincero de ideias esgotadas de qualquer valor real (HUIZINGA, 1959, p. 197, tradução nossa).[15]

[13] “Generally speaking, the medievalists of our day are hardly favorable to chivalry. Combing the records, in which chivalry is, indeed, little mentioned, they have succeeded in presenting a picture of the Middle Ages in which economic and social points of view are so dominant that one tends at times to forget that, next to religion, chivalry was the strongest of the ideas that filled the minds and the hearts of those men of another age”.

[14] “We pass from the age of heroism to the age of chivalry, from a century ennobled by devotion and self-sacrifice to one in which the gloss of superficial refinement fails to hide the reality of heartless selfishness and moral degradation - an age of luxury and cruelty.”

[15] “Whatever chivalry may have been at the time of the Crusades, it is generally agreed today that in the fourteenth or fifteenth century it was nothing more than a rather artificial revival of things long dead, a sort of deliberate and insincere

Esta possivelmente foi a contribuição mais duradoura de Johan Huizinga para o estudo da Cavalaria medieval. A afirmação de que a Cavalaria da Baixa Idade Média não passava de uma imitação de formas passadas que não mais se aplicavam à realidade de então, reforçou indiretamente a noção de que em séculos anteriores a verdadeira Cavalaria poderia ser encontrada. Em decorrência disso, a historiografia da Cavalaria produzida entre as décadas de 1930 e 1970 foi majoritariamente concentrada na Idade Média Central (séculos XI-XIII) e na França (pois desde Mills compreende-se que a Cavalaria inglesa atingiu sua plenitude somente no século XIV).

Direta ou indiretamente, o sucesso do trabalho de Huizinga influenciou historiadores como Raymond Kilgour (1903-2005), Georges Duby (1919-1996), Arthur B. Ferguson (1913-1999), Jean Flori (1936-2018) e Anthony J. Pollard (1941-), estabelecendo com força de paradigma a tese de que a Cavalaria sofreu uma decadência na Baixa Idade Média, decaindo em relação à sua manifestação autêntica existente na Idade Média Central. Tal interpretação, contudo, já não é mais predominante (COSTA, 2023, p. 78-79).

A primeira crítica sistemática às ideias de Huizinga foi feita pelo medievalista inglês Maurice Keen (1933-2012) em um artigo de 1977 intitulado *Huizinga, Kilgour and the Decline of Chivalry*. De forma bastante lúcida, ele argumentou que a interpretação de que a Cavalaria da Baixa Idade Média tinha se tornado uma fantasia dissociada da realidade residia nos seguintes critérios: a valorização dada às críticas feitas à mesma por fontes dos séculos XIV e XV; a desconsideração de fontes que se manifestavam em sentido contrário; e, por fim, a presunção de que antes desse período tivesse havido uma era de ouro da Cavalaria. Segundo Keen, desde o século XII havia autores críticos da Cavalaria, como Orderico Vital (1075-1142) e William de Malmesbury (1095-1143), que reclamavam da perda de seu vigor e diziam que os Cavaleiros de então somente se preocupavam com sua vaidade. O mesmo foi feito por Bernardo de Claraval (1090-1153) em seu *De Laude Novae Militiae* (CLAIRVAUX, 2008, p. 37-38). Os comentaristas do final da Idade Média, portanto, estariam seguindo uma tradição tão antiga quanto a própria Cavalaria, um *topos* literário que não podia ser aceito de forma acrítica (KEEN, 1977, p. 4-7).

Além disso, Keen afirmou que as exibições Cavaleirescas das cortes de Eduardo IV da Inglaterra (1442-1483), primeiro monarca da casa de York, e dos duques da Borgonha, longe de serem reminiscências tardias de uma instituição superada, eram na verdade demonstrações de poder necessárias para regimes de autoridade questionável (KEEN, 1977, p. 10-17). Suas constatações serviram para demonstrar o quanto a historiografia havia interpretado a Cavalaria medieval a partir de pressupostos que não se originavam das fontes, mas das próprias concepções dos historiadores que com elas trabalhavam. Os mesmos documentos usados para evidenciar o declínio da Cavalaria na Baixa Idade Média podiam, assim, ser utilizados para argumentar sua contínua importância e vitalidade durante todo o medievo.

renascence of ideas drained of any real value".

Esse posicionamento, nada revolucionário por si só, semearia o início de uma mudança paradigmática, sendo retomado por uma série de pesquisadores na década seguinte. Já em 1980, o medievalista francês Philippe Contamine (1932-2022), que conhecia o trabalho de Keen, comentou de passagem em seu grande manual *La Guerre au Moyen Âge* que o declínio da Cavalaria e o enfraquecimento dos guerreiros era um tema recorrente nos escritos, principalmente de clérigos, de praticamente todas as épocas, não sendo, desse modo, uma característica singular do fim do medievo (CONTAMINE, 1998, p. 259).

Huizinga, portanto, elaborou de forma singular a imagem de uma Cavalaria outonal, refúgio confortável e ilusório para as duras realidades da guerra no fim da Idade Média. Com sua prosa envolvente e seu erudito domínio das fontes medievais, sua visão alcançou retumbante sucesso entre gerações de pesquisadores que o sucederam. Porém, o outono demanda a existência da primavera e a condenação de Huizinga à suposta Cavalaria claudicante da Baixa Idade Média terminou por estabelecer a quimera de uma Cavalaria legítima que a teria antecedido, em uma época mítica de honra, glória e lealdade. O sonho da Cavalaria, que o historiador holandês criticou, converteu-se, dessa maneira, no sonho de uma era de ouro, que ele próprio ajudou a forjar. Tal miragem, contudo, no que pese sua força imaginativa e literária, obscurece, mais do que explica, as complexas dinâmicas da Cavalaria nos séculos finais do medievo.

REFERÊNCIAS

ASTON, Margaret. Huizinga's harvest: England and the waning of the middle ages. **Medievalia et humanistica**, Lanham, n. 9, p. 1-24, 1979.

BURCKHARDT, Jacob. **A cultura do renascimento na Itália**. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009

CLAIRVAUX, Bernard of. **In praise of the new knighthood**. Trad. Conrad Greenia. Bardstown: Cistercians Publications, 2008. p. 37-38.

CONTAMINE, Philippe. **War in the middle ages**. Trad. Michael Jones. Nova York: Barnes & Noble, 1998.

COSTA, Ives Leocelso Silva. **A cavalaria na guerra dos cem anos**: a campanha militar de Crécy (1346). São Cristóvão: EditoraUFS, 2023.

CROUCH, David. **The birth of nobility:** constructing aristocracy in England and France, 900-1300. Abingdon: Routledge, 2005.

GAUTIER, Léon. **La chevalerie**. 3 ed. Paris: Librarie Universitaire, 1895.

GIROUARD, Mark. **The return to Camelot:** chivalry and the english gentleman. Londres: Yale University Press, 1981.

HUIZINGA, Johan. **The waning of the middle ages**: a study of the forms of life, thought and art in France and the Netherlands in the XIVth and XVth centuries. Trad. Fritz Hopman. Nova York: St. Martin's Press, 1924.

HUIZINGA, Johan. **Le déclin du moyen-age**. Trad. Julia Bastin. Paris: Éditions Payot, 1938.

HUIZINGA, Johan. **Autunno del medio evo**. Trad. Bernardo Jasink. Florença: Sansoni, 1940.

HUIZINGA, Johan. The political and military significance of chivalric ideas in the late middle ages. *In*: HUIZINGA, Johan. **Men and ideas:** history, the middle ages, the renaissance. Trad. James S. Holmes e Hans van Marle. Princeton: Princeton University Press, 1959. p. 196-206.

HUIZINGA, Johan. **O declínio da idade média**. Trad. Augusto Abelaira. São Paulo: Verbo/EDUSP, 1978.

HUIZINGA, Johan. **The autumn of the middle ages**. Trad. Rodney J. Payton e Ulrich Mammitzsch. Chigado: The University of Chicago Press, 1996.

HUIZINGA, Johan. **O outono da idade média**: estudos sobre as formas de vida e de pensamento dos séculos XIV e XV na França e nos Países Baixos. Trad. Francis Petra Janssen. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

HUIZINGA, Johan. **Autumntide of the middle ages**: a study of forms of life and thought of the fourteenth and fifteenth centuries in France and the Low Countries. Ed. Graeme Small e Anton van der Lem. Trad. Diane Webb. Leiden: Leiden University Press, 2020

HUIZINGA, Johan. **O outono da idade média**. 1 ed. Trad. Nelson Lellis Ramos Rodrigues. Londrina: Editora Penkal, 2021.

KEEN, Maurice. Huizinga, Kilgour and the decline of chivalry. **Medievalia et Humanistica NS**, Cambridge, n. 8, p. 1-20, 1977.

LE GOFF, Jacques. Entrevista de Jacques Le Goff a Claude Mettra. *In*: HUIZINGA, Johan. **O outono da idade média**: estudos sobre as formas de vida e de pensamento dos séculos XIV e XV na França e nos Países Baixos. Trad. Francis Petra Janssen. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 588-597.

MILLS, Charles. **The history of chivalry or knighthood and its times**. Londres: Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown and Green, 1825. 2 v.

OMAN, Charles. **The art of war in the middle ages**: A.D. 378-1515. Oxford: B. H. Blackwell, 1885.

PETERS, Edward; SIMONS, Walter P. The new Huizinga and the old middle ages. **Speculum**, Chicago, v. 74, n. 3, p. 587-620, 1999.

STUBBS, Wiliam. **The constitutional history of England**. 4 ed. Oxford: Clarendon Press, 1896. 3 v. v. 2. p. 319.

TOLLEBECK, Jo. At the crossroads of nationalism: Huizinga, Pirenne and the Low Countries in Europe. **European review of history**, Abingdon-on-Thames, v. 17, n. 2, 2010, p. 187-215.

TWAIN, Mark. **Life on the Mississipi**. Boston: James R. Osgood and Company, 1883